



Disponível em
<http://www.anpad.org.br/rac>

RAC, Curitiba, v. 14, n. 2,
pp. 392-393, Mar./Abr. 2010



Resenhas Bibliográficas:

TAYLORISMO E FORDISMO NA INDÚSTRIA PAULISTA: O EMPRESARIADO E OS PROJETOS DE ORGANIZAÇÃO RACIONAL DO TRABALHO, 1920 – 1940.

Augusto Zanetti e João Tristan Vargas. São Paulo: Associação Editorial Humanista, 2007. 142 p. ISBN: 978-85-7732-035-6.

Por Thiago Alves Paiva (UECE).

O final do século XIX e o início do século XX abrigaram as primeiras percepções da Administração como ciência. Os primórdios da Administração Científica têm como dois dos principais personagens Frederick Taylor e Henry Ford, precursores, respectivamente, do **taylorismo** e **fordismo**. Os dois movimentos foram disseminados por diversos lugares no mundo, sendo objetos de apreciação e crítica. À luz destas etapas do processo evolucionista da Administração como ciência, Augusto Zanetti e João Tristan Vargas, doutores em história pela Universidade Estadual de Campinas [Unicamp] e autores de algumas publicações sobre organização do trabalho, buscaram trazer uma relação entre a atuação do empresariado industrial paulista no período entre duas guerras mundiais e os movimentos idealizados por Taylor e Ford. A obra, cujas bases estão nas teses de doutorado dos próprios autores, traz uma percepção mais próxima e familiarizada à Sociologia do que propriamente à Administração ou até mesmo à História, principalmente pelo foco na organização racional do trabalho e na formação da associação sindical patronal.

O livro está dividido em cinco partes, sendo uma introdução, três capítulos pouco conexos discorrendo sobre alguns temas que supostamente têm ligação com a proposta inicial dos autores e, por último, uma conclusão sobre o que foi estudado e pesquisado. Primeiramente, os autores introduzem o tema **taylorismo** e **fordismo** trazendo algumas definições com base em diversos estudiosos. Eles caracterizam as duas 'escolas', realçando pontos bastante inerentes e apresentando outros controversos. Já nesse momento, aparece o nome de Roberto Mange, uma das personagens que, em páginas subsequentes da obra, deixa Taylor e Fayol como meros coadjuvantes. Ainda nesta etapa, apresenta-se resumidamente como está dividida a obra a ser lida.

O primeiro capítulo, de autoria de Zanetti, é intitulado de 'Roberto Mange e a formação de mão-de-obra industrial'. Nele, Augusto Zanetti descreve parte da biografia do engenheiro suíço Mange, e apresenta parte do projeto estruturado por este em vista da formação de mão-de-obra qualificada para setores industriais paulistas. O autor vem apresentar argumentações que distanciam as concepções de Mange das de Taylor no que se refere à racionalização do trabalho, visto que Roberto Mange é apresentado por alguns estudiosos como um dos introdutores do **taylorismo** no Brasil. Porém, a defesa do ensino profissionalizante e da psicotécnica por Mange é posta como fundamentação para a distancia entre as duas percepções sobre a racionalização do trabalho.

No segundo capítulo, sob o título 'Os industriais de São Paulo e Ford', João Tristan Vargas apresenta como se deu a utilização dos ideais **fordistas** em face da necessidade corrente da época de ajuste de determinadas demandas sociais. Pouco se falou sobre o **fordismo** no meio físico industrial,

ou seja, no interior das organizações industriais paulistas. Neste capítulo surge outro grande personagem na perspectiva industrial, Roberto Simonsen, tratado como porta-voz da indústria paulista. Percebe-se, ao ler as laudas deste capítulo, que a evidência dada ao **fordismo** é apenas a de fundamentação, de forma equivocada, das negociações políticas dos industriais paulistas. O terceiro e último capítulo traz o histórico de criação do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo [CIESP], transformado posteriormente em Federação das Indústrias do Estado de São Paulo [FIESP]. Esta parte da obra, também escrita por Vargas sob o título ‘CIESP: A prática de um projeto organizativo’, destaca a dificuldade de concretização da sindicalização patronal no Estado de São Paulo e principalmente da reunião destes sindicatos da indústria em uma Federação. Toda essa tese é desenvolvida pesquisando e analisando inúmeras circulares utilizadas por aquelas entidades para a comunicação com seus filiados e possíveis filiados. Na última parte, os autores trazem suas conclusões sobre o que foi estudado e assumem a inexistência de uma análise sob uma perspectiva gestora, deixando aberto o campo para estudo.

Três pontos merecem destaque. Primeiro, o enfoque dado à participação do engenheiro suíço Roberto Mange na consolidação do projeto de educação profissional do país; além de ser idealizador e partícipe de muitas escolas que trabalham nesta linha, Mange foi fundamental na criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial [SENAI]. Segundo, o trato à utilização desvirtuada de percepções **fordistas** com o objetivo de atender aos interesses próprios dos industriais no meio político. O terceiro ponto é destacado no capítulo terceiro com a apresentação da árdua tarefa de convencimento de industriais para que participem das entidades de classe, fato este que teve uma ajuda da resolução iniciada com a criação de um instrumento legal que passou a exigir a participação do empresário no sindicato patronal do seu ramo de atividade.

A leitura destes estudos é rápida e dinâmica pela feliz escolha de um vocabulário simples por parte dos autores. Entretanto, há um distanciamento entre o título apresentado na obra e o que se absorve dela, pois se percebe um claro destaque a temas bem específicos do contexto paulista que pouco se relacionam com a aplicação das práticas **tayloristas** e **fordistas** na indústria como sugere a intitulação, dando a entender que Taylor e Ford foram apenas ‘pontes’ para que outros temas pudessem ser percorridos no livro. Por fim, aconselha-se a leitura desta obra para estudantes e estudiosos, em especial da área de Sociologia, como também de Administração e História, neste caso havendo interesse pela área, desde que ocorra um estudo sucinto e prévio das formulações de Taylor e Fayol para uma melhor percepção da proposta de Zanetti e Vargas.